

## Por que automedialidade na formação musical?

### Comunicação

#### GTE 04 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

*Hugo Leonardo Guimarães Souza*  
*Universidade de Brasília*  
*hugo.souza@ifb.edu.br*

**Resumo:** O presente trabalho é um recorte teórico de pesquisa de doutorado em andamento e tem como objetivo apresentar o conceito de automedialidade e sua relação com a formação musical, na perspectiva da musicobiografização. Tal conceito propõe uma abordagem renovada do processo de formação musical em diálogo com questões emergentes da modernidade avançada. O texto visa explicitar a origem do conceito de automedialidade a partir do encontro entre o campo da filosofia da Arte e o campo da crítica literária, explorando a tensão presente na interação entre a noção de *medium* e a autobiografia. São apresentados aspectos que vinculam a formação musical e automedialidade, e como estas se relacionam com as práticas musicais automediais. A configuração do conceito teórico-prático da automedialidade oferece caminhos para pensar a intencionalidade e o agir educativo nos processos da formação musical, expondo os riscos e desafios inerentes à vinculação entre automedialidade e formação musical na contemporaneidade. O texto conclui que sob a perspectiva da musicobiografização, a automedialidade deve estar a serviço da narratividade, da reflexividade e da formação musical. Espera-se que as compreensões conceituais apresentadas no presente trabalho possam contribuir com o debate acerca formação musical no campo da Educação Musical no contexto da modernidade avançada.

**Palavras-chave:** Automedialidade. Práticas musicais automediais. Formação musical.

### Introdução

O presente trabalho é um recorte do capítulo teórico de pesquisa de doutorado em andamento e tem como objetivo apresentar o conceito de automedialidade dentro da perspectiva da musicobiografização e como se dá sua vinculação com a formação musical, considerando o contexto da modernidade avançada. A ênfase do texto em partir da perspectiva da musicobiografização ocorre devido a sua imbricação com a noção de automedialidade. A ideia de musicobiografização constitui um conceito em construção que

tem como alvo compreender o fenômeno que cerca a relação dos indivíduos com a música nos seus processos de construção de sentidos em meio a sua *subjeticonstituição*<sup>1</sup>. Tal proposta conceitual busca ampliar a compreensão e orientação dos processos de formação musical dos indivíduos no contexto da modernidade avançada.

A partir de aproximações epistemológicas e metodológicas entre dois campos investigativos – Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica – tem-se compreendido que as experiências musicais dos indivíduos implicam em experiências com o si mesmo, com o outro e com o mundo, mediadas pela música (Abreu, Souza e Araújo, 2024, p.2). Assim, a ideia de musicobiografização implica em reconhecer o processo pelo qual o indivíduo processa e atribui sentidos às suas experiências musicais, as quais fazem parte da constituição de seu projeto de si. Segundo Abreu, Souza e Araújo (2025, p. 08), a musicobiografização, como conceito teórico e prático, visa orientar a compreensão sobre o modo como os indivíduos aprendem sobre a sua própria vida experienciada com a música e que ao manipular material sonoro musical, expressam-se, dão forma e se formam, atribuindo valor e sentido à sua autoformação, mediante práticas musicais automediais.

## O *medium* como eixo central da automedialidade

“Artesão em primeiro lugar: esse é o lema do artista. E isso significa que, se a execução não superasse a ideia, não haveria artistas, apenas engenheiros.”<sup>2</sup>

Ao falar em uma vida experienciada com a música, pensamos em uma vida que faz da música um *medium*<sup>3</sup> e um espaço para a automedialidade. O conceito de automedialidade é recém-chegados ao campo dos estudos literários e estéticos, assim como ao campo da Educação Musical. Institui-se a noção de *medium* como o que “concerne à fisicalidade dos materiais de todas as artes, de seus traços específicos, de suas limitações e de suas exigências”

<sup>1</sup> Tradução aproximada do termo utilizado por Christian Moser e Jürgen Dünne em seu livro “Automedialität. Subjektconstitution in Schrift, Bild und neuen Medien” (Automedialidade: constituição do sujeito na escrita, na imagem e nas novas mídias) para falar acerca do processo de constituição do sujeito na sua interação com o *medium*. (Tradução do autor)

<sup>2</sup> Palavras do filósofo Alain (1931, p. 86, **tradução própria**), pseudônimo de Émile-Auguste Chartier (1868-1951). Foi um filósofo, jornalista, ensaísta e professor de filosofia francês, reconhecido por sua contribuição à filosofia e à educação no século XX.

<sup>3</sup> O uso de *medium* ou *mediums* (em itálico, sem acento e com acréscimo de “s” no plural) seguirá a escrita do termo como indicado por Passeggi ao traduzir o texto de Delory-Momberger e Bourguignon (2023).

(Delory-Momberger, 2023, p.3). Tal noção tem origem na história da arte e da estética e como proposto por Michel Guérin (2016, p.13): “o *medium* é a descoberta da arte modernista”, não como a prática de uma arte, mas como “uma consciência das condições e convenções que presidem a gênese de cada obra e pesam sobre sua intencionalidade” (Guérin, 2016, p. 13). Essa noção de *medium* propõe repensar o entendimento da tradição estética clássica, originada em Aristóteles, acerca da relação entre matéria e forma, em que a primeira é passiva e a segunda é ativa. A perspectiva proposta na pesquisa aponta para o entendimento de que é o *medium*, a matéria, que tem a potência da forma, uma vez que “a matéria é em si mesma uma forma” (Guérin, 2016, p. 2).

A matéria – como a música, por exemplo – quando considerada como um *medium*, dá sua forma à obra de arte, pois a forma está na matéria. Trata-se de um convite a romper com o velho hilemorfismo aristotélico que, nas palavras de Michel Guérin (2016, p. 2), diz respeito à imposição de uma forma (ou ideia) vigorosa e determinada sobre a matéria passiva, amorfa e indeterminada. A assunção dessa mudança de perspectiva possibilita considerar adequadamente duas características fundamentais do *medium*: sua peculiaridade e sua verdadeira dimensão material. Sobre o significado do termo *medium* no pensamento artístico, Jacques Rancière entende que:

A palavra ‘*medium*’ significa primeiramente ‘o que está entre’: entre uma ideia e sua realização, entre uma coisa e sua reprodução. O *medium* aparece, portanto, como um intermediário, o meio para um fim ou o agente de uma operação. Ora, a teorização modernista que fazia da ‘fidelidade ao *medium*’ o princípio da arte inverte essa perspectiva. Este *medium*, a cuja especificidade é preciso ser fiel, não é mais simplesmente o instrumento da arte. Ele se torna a própria materialidade que define sua essência. [...] Então o *medium* não é mais o meio para um fim. Ele é propriamente o que prescreve esse fim (Rancière, 2008, p. 1, **tradução própria**).

Em todas as artes – desde a música até a dança, do teatro ao cinema, da poesia ao romance, da pintura à fotografia – podemos definir traços específicos, características definidoras, de cada uma delas (Delory-Momberger, 2023, p.4). Podemos também, para cada uma, mostrar como sua própria materialidade abre caminhos particulares de criação, produz formas e linguagens específicas. Assim “a noção de *medium* designa, então, a materialidade

específica de cada arte, na medida em que ele se torna o próprio objetivo e o lugar do gesto artístico” (Beaubois, 2017, p. 3 *Apud* Delory-Momberger, 2023, p.4).

Entende-se que a pintura e as artes plásticas em geral foram o *lócus* no qual nasceu a noção de *medium*. No entanto, deve-se à reflexão crítica sobre a autobiografia, especialmente no campo da crítica literária, o surgimento da noção de “automedialidade” e os vínculos que ela estabelece entre o *medium* e a relação consigo mesmo (Delory-Momberger, 2023, p.4). A autobiografia esteve durante um longo tempo sob o olhar da crítica literária repousado na relação entre a “bios” e o “autos”, entre a vida e o eu, sem dar a devida atenção a escrita (grafia) como *medium*. A partir dos anos 70, passa-se a reconhecer a dimensão material e medial do discurso autobiográfico – a escrita, no que se pode mencionar a contribuição de autores como Paul de Man<sup>4</sup> e Manfred Schneider<sup>5</sup>.

Consolida-se, a partir de então, o entendimento de que a relação da vida do sujeito com a escrita, uma proposta de “autografia”, é vista como essencial para o processo de construção da interioridade subjetiva. Assim, o encontro do pensamento artístico acerca do *medium* com a crítica da prática autobiográfica fomentam compreensões ampliadas e renovadas acerca do *medium*, da medialidade e dos processos de constituição do sujeito, orientando a compreensão acerca da multiplicidade de “medialidades biográficas” que dão origem a práticas mediais. Segundo Delory-Momberger (2023):

Embora tenhamos tendência a nos concentrar nas mediações discursivas e, mais particularmente, em narrativas orais ou escritas, todas as práticas nas quais se exerce um fazer estético, sensível, criativo podem ser consideradas medialidades biográficas. Esse fazer abrange todas as formas de expressão e de linguagens: faladas, escritas, fotográficas, sonoras, gráficas, plásticas, digitais, corporais, gestuais, cênicas, etc (Delory-Momberger, 2023, p.3).

À título de exemplo, a experiência criativa do artista sempre se dá em meio ao seu encontro com o *medium*. Sob a ótica da noção da medialidade biográfica, podemos expandir tal compreensão até a experiência criativa referente aos processos de constituição do sujeito,

<sup>4</sup> Autobiography as De-facement. *MLN*, Vol. 94, No. 5, Comparative Literature (Dec., 1979), pp. 919-930. [Autobiografia como desmascaramento] Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2906560>

<sup>5</sup> Die erkaltete Herzensschrift. Der autobiographische Texte im 20. Jahrhundert (München, Hanser, 1986). [A escrita arrefecida do coração. O texto autobiográfico no século XX]

os seus processos de biografização<sup>6</sup>, que têm como base os *mediums* – objetos de mediações que concernem aos processos de medialidade (Delory-Momberger, 2023, p.2). Há uma grande diversidade de *mediums*, assim como de práticas automediais. Todas as práticas nas quais se exerce um fazer estético, sensível, criativo podem ser consideradas medialidades biográficas. Nas práticas mediais é que “se inventam e se engendram a modelagem de si e a modelagem da obra, a experiência de si e a experiência da criação, a tal ponto que já não pode mais se distinguir uma da outra” (Delory-Momberger, 2023, p.6).

Com sua concepção de medialidade biográfica firmada na prática medial, a pesquisadora e fotógrafa francesa Christine Delory-Momberger propõe aos pesquisadores e profissionais que atuam na área de pesquisa autobiográfica uma mudança e ampliação do ponto de vista sobre os suportes e as mediações do trabalho biográfico. Ao se considerar o aprofundamento e a apropriação da abordagem do conceito de *medium* sob a ótica da automedialidade, vemo-nos diante de uma mudança de compreensão da maneira como os processos de constituição do sujeito são operados.

Assumimos, portanto, a compreensão de que a automedialidade aponta para a ideia de que “as mediações que usamos, como as da narrativa, por exemplo, são muito mais do que meros instrumentos que servem de suporte para a expressão de uma subjetividade já formada” (Delory-Momberger 2023, p.5). Na verdade, a narrativa, e outras práticas mediais, se constituem “práticas *por meio das quais e nas* quais uma subjetividade *em ato* é experimentada e encontra suas formas” (Delory-Momberger 2023, p.5). Assim, segundo a autora, seja no trato da escrita enquanto *medium* em suas muitas formas, suportes e dispositivos, ou de outros *mediums*, como a pintura, fotografia, música, dança, teatro etc., a noção de automedialidade evidencia os desvios e a exteriorização necessária para mediar a relação do sujeito consigo mesmo.

A noção de automedialidade aqui apresentada se vincula aos teóricos Dünne e Moser (2008), que a desenvolveram a partir de uma visão renovada da autobiografia nas últimas décadas. Segundo Gabrielle Bonnet (2021, p.3), duas concepções opostas surgiram nas

---

<sup>6</sup> Para Delory-Momberger (2006, 2008) e Peter Alheit (2011), a definição do conceito de *biografização* pode ser entendida como o processo ininterrupto pelo qual os indivíduos produzem, para si próprios e para os outros, as manifestações mentais, mas também verbais, corporais, comportamentais de sua existência, que implica em um “processo de transformação interno” do indivíduo (Alheit, 2011, p.37).

décadas de 1990 e 2000: alguns viam o *medium* como determinado pela expressão pessoal do sujeito, enquanto outros argumentavam que qualquer forma de subjetividade era determinada pela materialidade do *medium*. Para evitar as reduções e oposições implícitas em cada uma dessas concepções, os autores Christian Moser e Jürgen Dünne propõem o termo automedialidade.

A noção que o termo constrói possibilita uma discussão integradora, interdisciplinar e o questionamento das fronteiras entre gêneros e entre diferentes mídias. Nesse sentido, a automedialidade não só abrange obras que usam a escrita como uma ferramenta para representar a biografia do autor ou como um processo para estabelecer um relacionamento com o si mesmo na autobiografia, mas também estende o escopo da análise para outras mídias, como filme, fotografia e as mídias digitais (Bonnet, 2021, p.3).

Podemos concluir que a noção de automedialidade estende e abre para todos os *mediums* o que a "autobiografia" poderia restringir à mediação exclusiva da palavra escrita na relação do sujeito consigo mesmo e sua principal contribuição está no reconhecimento da especificidade e da dimensão constitutiva do *medium* nos processos de *subjeticonstituição* e nas práticas de si. A automedialidade está relacionada a invenção e figuração de si através da experiência criativa e apela ao reconhecimento da especificidade e da dimensão constitutiva do *medium* nos processos de autorrepresentação e biografização, tendo em conta a interação entre o *medium*, a reflexão subjetiva e o trabalho sobre si nas práticas artísticas, particularmente nas práticas musicais automediais. Embora a escrita tenha uma operação central no contexto da automedialidade, a perspectiva automedial torna claro que, para além da autografia, sempre existiram outras formas de constituição do sujeito mediadas por outros *mediums*. Tais formas de subjeticonstituição tem se tornado cada vez mais importantes no século XX e colocam sob questão o privilégio da escrita.

Somos provocados a considerar que as novas mídias pressupõem que há novos processos de produção de si e novos *mediums* operando os processos de constituição do sujeito, para além da escrita. Diante desse cenário que emerge da modernidade avançada, podemos considerar, sob a perspectiva da musicobiografização, uma proposta focada na automedialidade presente na formação musical. Portanto, é mediante a perspectiva da musicobiografização que podemos colocar atenção suficiente sobre o potencial formativo da

automedialidade. Aqui reside um convite ao processo reflexivo, “auto” orientado da produção de si nos diferentes *mediums* mobilizados na sociedade contemporânea, dentre eles a música. Um convite a se voltar para a música e sua potência, alcance e abertura para a *subjeticonstituição* e compreendê-la como um espaço singular de criação sensível por meio das práticas musicais automediais.

## Automedialidade nas práticas musicais

Considerando o exposto até aqui, podemos considerar, em um sentido amplo, que a noção de automedialidade está vinculada à toda e qualquer prática musical. Trata-se do reconhecimento do fenômeno da automedialidade e da sua operação inerente às relações dos indivíduos com a música. Porém esse reconhecimento pode ser visto como um primeiro nível na vinculação da automedialidade com a formação musical. No sentido específico apresentado pela perspectiva da musicobiografização, além de possuir automedialidade, uma prática musical será automedial quando for orientada à reflexividade e à formação. Como propõe Abreu:

Trata-se, portanto, de um processo da “reflexão-criativa” com a música, em que o sujeito se volta para si mesmo como autor e narrador, ou para usar termos musicais, como “compositor” e “intérprete”. Assim, ele se torna o próprio objeto de reflexão, em estreita relação com a linguagem musical, admitindo-se que é com ela que o sujeito se compreende. Por essa razão, no termo “músico-bio-grafização”, a música vem em primeiro lugar como elemento constitutivo, tanto de uma área, quanto do sujeito que com ela busca sentidos para a escrita (grafia) da vida (bio). É a música com a sua materialidade que engendra a musicobiografização. Sendo assim, a música é o elemento mediador da construção de nossas narrativas, mediante práticas e experiências formativas, sobretudo, aquelas em que têm lugar acontecimentos em que a música ganha espaço para a automedialidade. Portanto, a prática musical automedial está implícita no conceito de musicobiografização (Abreu, 2023, p.4).

Sendo assim, possuir automedialidade e ser intencionalmente automedial são diferentes enfoques acerca das práticas musicais. Ao tratar da automedialidade como parte processo de musicobiografização, entendo que a principal característica distintiva da prática musical automedial será a sua intencionalidade formativa-reflexiva. Nas práticas musicais automediais, os professores formadores se constituem como professores acompanhadores

mobilizados pela reflexividade e por uma intencionalidade formadora, requeridas também dos demais agentes envolvidos no processo formativo – dos estudantes e, conseqüentemente, das instituições de formação. Como propõe Oliveira (2018, p. 94), o professor acompanhador está se colocando em posição de compreender a si mesmo e o sujeito, seu universo, suas peculiaridades, limitações e potencialidades para, a partir disso, mostrar possíveis caminhos a serem trilhados por ele com o propósito de contribuir de maneira coerente na sua trajetória de formação musical. Conclui-se que sob a perspectiva da musicobiografização na formação musical, o fenômeno da automedialidade é considerado a partir sua potência formadora.

Para pensar criticamente a vinculação entre automedialidade e práticas musicais automediais, no espaço da formação musical, proponho cinco pontos de reflexão:

- Não cabe à escrita de si, assim como a nenhuma medialidade biográfica, ser reduzida a um mero instrumento de representação do próprio “bios” – um meio neutro de expressar a interioridade subjetiva. O *medium* forma e dá forma.
- Distintos *mediums* ampliam para o sujeito as possibilidades de autoformação e influenciam os processos *subjeticonstituição*. Sendo assim, a música, em seus vários modos e manifestações, se abre à força da narratividade do sujeito que nela, por ela e com ela se constitui.
- Parte significativa da multiplicidade de *mediums* presentes na experiência de *subjeticonstituição* na contemporaneidade está baseada ou se vincula com a Música. Há um desafio posto aos professores de música: compreender e orientar a formação musical em sua vinculação com distintas medialidades biográficas.
- Toda prática musical pressupõe uma ação do sujeito, visto que a música é uma atividade humana, imensamente plural e diversa, prática e eticamente guiada (Bowman, 2020, p. 165). Seja a performance, a escuta e apreciação musical ou a exploração sonora, mobilizam o agir de sujeito diante de si, do outro e do mundo.
- As práticas musicais automediais, em sua intencionalidade formativo-reflexiva, abrem-se à narratividade e possibilitam aos sujeitos, pela produção de narrativas musicais, a crítica de si mesmo, de sua condição biográfica e a configuração de novos

modos de ser e agir diante da predominante relação de consumo e descartabilidade da música na modernidade avançada.

Considerando o primeiro ponto de reflexão, as práticas musicais automediais propõem ir além da busca pela representação da subjetividade por meio da prática artística, visam o investir-se em um processo de produção de si no *medium*, entendido como um poder particular inerente ao modo de expressão (Guérin, 2016). A prática musical, entendida aqui sob a perspectiva de Wayne Bowman (2020, p. 167), desdobra-se a partir da intencionalidade artística. Pensado com Michel Guerin (2016, p.8), o sentido de *medium* traz uma reforma da noção de intencionalidade artística: “a intenção não existe na mente, fora da linguagem e a priori, buscando em um segundo estágio a renderização que melhor lhe convier – essa é literalmente uma ‘visão da mente’”. A intenção busca e encontra a si mesma no *medium* música, se embrenhando pelas aberturas de uma prática musical automedial que acata e combina contingências para produzir uma obra acabada que só validamos no final, depois de decidirmos como será esse final. Ainda pensando com Guérin (2016), “em todas as esferas, toda intenção é plástica, originalmente deformável”.

O segundo ponto conecta-se ao conceito de intencionalidade artística e à necessidade do *medium* artístico. Nenhum *medium* é suficiente em si próprio. Dada a complexidade e diversidade da constituição da experiência humana, a demanda por medialidades biográficas é irrestrita. Como propõe Michel Guerin ao ressaltar as características significativas e peculiares ao *medium*:

Um *medium* não é mais expressivo do que outro; em vez disso, ele se distingue por virtudes singulares que o tornam um idioma. O corolário é que não existe um tema universal nas artes que seja indiferente ao *medium* e que possa ser "ilustrado" ou transcrito de várias maneiras (Guérin, 2016, p.6, **tradução própria**).

O reconhecimento da música como um espaço adequado à experiência automedial é um dos objetivos das práticas musicais automediais. Tal experiência visa abrir “um espaço de criação em que se encontra o movimento de uma pesquisa sensível sobre o material e sobre ‘fazer’ uma obra de arte” (Delory-momberger, 2023, p.6). Outro objetivo é a promoção da reflexão subjetiva que acompanha o gesto criativo e o trabalho de um sujeito agindo sobre si

mesmo ao agir sobre os materiais e as formas, os códigos, símbolos e sentidos da música. Segundo Delory-Momberger (2023, p.6), nas práticas mediais, a experiência de si e a experiência da criação chegam a um ponto em que já não pode mais se distinguir uma da outra.

Vale ressaltar que a modernidade avançada é responsável pela multiplicação, cruzamento e até mesmo à hibridização dos *mediums*. Segundo Guérin (2016, p.1), hoje, não somos mais imunes à multimídia, à *transmedialidade* ou à *intermedialidade*. Somos incentivados a fazer isso por meio de dispositivos que agora são determinados pelas tecnologias de informação e comunicação e, além disso, pela onipresença da mídia, pela onipresença das redes na realidade, bem como em nossas mentes (Guérin, 2016, p.2). Parafrazeando o autor, na era da sociedade em rede, uma prática musical automedial deve ser limitada a um único *medium*?

O terceiro ponto exalta o fato de que estamos contidos em uma realidade submetida à *transmedialidade* e à *intermedialidade* (Guérin, 2016, p.1). Nos tornamos nós mesmos *mediums* e mídias. Do mesmo modo, a música como *medium* e como mídia está imensuravelmente presente nas experiências de subjetivação na contemporaneidade. Como professores, pesquisadores e profissionais engajados na formação musical do sujeito na contemporaneidade, nos cabe refletir e conceber projetos que levem em consideração o mundo que nos está posto e como está posta a música nesse mundo.

A proposta da automedialidade abre espaço para a generalização dos *mediums*, mas também para a crítica dos *mediums* e das medialidades biográficas. Em um contexto em que o *medium* é generalizado, há maior risco de que suas especificidades, peculiaridades e sua verdadeira dimensão material sejam também generalizadas a ponto de serem perdidas, negligenciadas ou corrompidas.

O quarto ponto nos convida a considerar que a prática musical tem a ver com o modo como a música é vivenciada e como ela se apresenta na vida. Wayne Bowman (2020) aponta que a prática musical não é uma experiência musical fragmentada. Ela é social, cultural, ela é com o outro e com o mundo. A prática musical é integrada e inseparável do encontro ético, pois para o autor, toda prática musical é inerentemente ética (Bowman, 2020, p. 168). Ela é, ou deveria ser, ética para com o outro e com o mundo, contextualizada na história, na cultura

e na sociedade (Bowman, 2001). Segundo essa concepção, tornamo-nos responsáveis para com a vida do outro e o mundo que se manifestam por meio da prática musical.

O último ponto propõe a reflexão sobre a necessidade de fortalecer o espaço da narratividade nos processos de formação musical. Para Byung Chul Han (2023, p. 20), em um mundo inundado de informações, o espírito da narração está sendo sufocado, o que o autor chama de crise da narração na modernidade. A narratividade é uma força humana sempre presente. As práticas musicais automediais visam acolher essa força da narratividade, que tem estado a deriva no contexto da modernidade avançada, ao promover operações de figuração da subjetividade no *medium*, por meio do discurso oral ou escrito, por meio da música ao cantar, tocar, batucar, vocalizar ou dançar; apreciando, recitando, gravando ou catalogando repertórios a partir das experiências musicais. A culminância dessas práticas se dá na narrativa musical que emerge do processo colaborativo de configuração de uma obra maior, comunitária. Busca-se que tal obra aberta para uma construção entrelaçada organicamente, fruto das contribuições originadas das biograficidades únicas dos sujeitos, materializadas na diversidade de *mediums* e de práticas musicais automediais.

## Considerações

Considero que a automedialidade nas práticas musicais automediais está a serviço da narratividade, da reflexividade e da formação musical. Essa é a proposta da musicobiografização no trato para com a automedialidade. Essas proposições conceituais podem somar na discussão acerca formação musical no campo da Educação Musical, no contexto da modernidade avançada. Entendo que as práticas musicais automediais são uma proposta de colaboração com o trabalho biográfico dos sujeitos em formação. Pensando na formação musical, os processos de produção de sentido nas práticas musicais automediais podem proporcionar caminhos de resignificação por parte do sujeito que visa um horizonte de possibilidades e expectativas ao configurar-se na *práxis*. Segundo Paul Ricoeur, a ideia de expectativa se relaciona com a esperança, o temor, o querer, o desejo, a preocupação, o cálculo racional, a curiosidade e todas as manifestações que visem ao futuro (Ricoeur, 2010, v. III, p. 361).

A ideia de horizonte nos permite estar abertos aos desdobramentos possíveis da expectativa e à responsabilidade alinhada à escolha e à tomada de decisão. Uma formação musical que mobiliza a potência formativo-reflexiva da automedialidade pode promover o fortalecimento das relações entre sujeitos críticos, reflexivos e responsáveis que constituem novas comunidades narrativas na sociedade contemporânea.

Dado o objetivo do texto de articular o conceito da automedialidade dentro da perspectiva da musicobiografização e sua vinculação com a formação musical, pode-se avançar no entendimento do *medium* e sua relação com a narratividade em suas diversas formas e manifestações dentro da experiência musical das pessoas. Entendo que mais do que nunca é necessário a consolidação de comunidades narrativas musicais abertas à emergência dos múltiplos *mediums*, porém orientada crítica e reflexivamente quanto aos processos e operações da automedialidade. Para Han (2023, p. 25), “uma comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos” e para forjá-la, precisamos resgatar o dom da escuta, visto que “quem escuta atentamente esquece de si mesmo e se afunda naquilo que escuta” – seja a música, o si mesmo, o outro ou o mundo.

## Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula. *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, e131604, 2024.

ABREU, Delmary Vasconcelos. Um ensaio a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (auto)biográfica em educação musical. *Revista da Abem*, Londrina, PR, n. 30, v. 30, 2022. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1099>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ABREU, Delmary Vasconcelos. Musicobiografização: prática automedial em educação musical. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, 2023, v. 08, n. 23. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/16523>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ALAIN (Émile Chartier). Vingt leçons sur les BEAUX-ARTS. [S. l.]: [s. n.], 1931. Disponível em: [https://classiques.uqam.ca/classiques/Alain/vingt\\_lecons\\_beaux\\_arts/vingt\\_lecons\\_BA.html](https://classiques.uqam.ca/classiques/Alain/vingt_lecons_beaux_arts/vingt_lecons_BA.html). Acesso em: 03 de julho de 2025.

ALHEIT, Peter. Biografização como competência-chave na modernidade. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 20, n. 36, p. 31-41, jul. /dez. 2011.

BONNET, Gabrielle. L'automédialité: une nouvelle échelle pour l'étude des représentations de soi. *Revue critique: EcriSoi*, 2021. Disponível em: [https://ecrisoi.univ-rouen.fr/sites/ecrisoi.univ-rouen.fr/files/babel/files/bonnet\\_dunne\\_moser\\_automédialitat\\_0.pdf](https://ecrisoi.univ-rouen.fr/sites/ecrisoi.univ-rouen.fr/files/babel/files/bonnet_dunne_moser_automédialitat_0.pdf). Acesso em: 25 jun. 2025.

BOWMAN, Wayne. Music as Ethical Encounter. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, [s. l.], n. 151, p. 11-20, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40319113>. Acesso em: 12 de julho 2025.

BOWMAN, Wayne. Reconceiving music and music education as ethical practices. *Revista da Abem*, v. 28, p. 162-176, 2020. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1010>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. *Biografia e Educação – Figuras do Indivíduo Projeto*. 2008. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine; BOURGUIGNON, Je- an-Claude. Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v. 8. n. 23, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/19443>. Acesso em: 03 de julho 2025.

DÜNNE, Jörg; MOSER, Christian (org.). *Automedialität. Subjektkonstitution in Schrift, Bild und neuen Medien*. Munique: Wilhelm Fink, 2008.

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Tradução: Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

GUÉRIN, Michel. Qu'est-ce qu'un médium artistique? *Appareil*, [S. l.], n. 17, 11 jul. 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/appareil/2308>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

OLIVEIRA, Edson Barbosa de. A constituição da experiência de três violonistas acompanhadores: um estudo com documentação narrativa. 2018. 142 f. *Dissertação* (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. Ce que « *medium* » peut vouloir dire : l'exemple de la photographie. *Appareil*, v. 1, n. 2008, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/appareil/135>. Acesso em: 12 jul. 2025.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. v. 3. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.